

Atriz dá um tempo na carreira para cuidar dos filhos Lucca e Leo. Casada com um americano, ela cria os meninos lá, mas gostaria que eles tivessem mais contato com o Brasil

Há alguma coisa daquela Fernanda Machado na de hoje? O que essas duas Fernandas se fariam caso se encontrassem?

Acho que o que eu tinha naquela Fernanda e que se faz mais presente do que nunca é a questão da maternidade. Muito louco porque nessa novela eu tive a chance de contracenar com uma bebezinha que foi minha filha durante muito tempo. Foram quase sete meses, e eu me apeguei muito a ela. Eu sempre quis ser mãe. Eu amo bebê, criança... Essa Fernanda de Alma gêmea já queria ser mãe. Quem me viu naquela época vai lembrar (risos). O Walcyr (Carrasco, autor da novela) sempre que ia visitar o set me via agarrada cuidando da bebê. Ele e todo mundo já comentavam que eu teria filho logo (risos). Eu trocava fralda, botava para dormir porque a mãe dela, na época, tinha só 15 anos. Então, eu ajudava muito. Acho que o papo que a gente bateria agora seria algo de maternidade, algo tipo: "Você imaginou que teria dois meninos hoje em dia?". Na novela, era menina. Rolou um amor muito grande, mesmo por ela. Hoje ela já é uma moça.

Você está fora das novelas desde Amor à vida (2013). Morando fora do país fica mais difícil se dedicar tanto tempo a uma obra, imagino. Mas você não sente saudades de fazer novela? Toparia passar uma temporada no Brasil para gravar um papel legal?

Sinto saudade de fazer novela e atuar. Atuar, aliás, sempre foi minha grande paixão. Nunca trabalhei com outra coisa na vida. Eu danço e faço teatro desde meus 8 anos. Essa é minha maior paixão, onde mais me encontro. Claro que fica a vontade de voltar e fazer mais trabalho como atriz. Desde que eu tive Lucca, meu filho mais velho, voltei duas vezes ao Brasil para fazer as duas temporadas de *Impuros*, da Fox. E voltei porque a personagem e o projeto eram muito legais. Só não fiz as outras temporadas porque eu estava grávida do meu segundo filho, Leo. Agora, com eles crescendo e a pandemia se resolvendo, eu fico ligada. Se pintar alguma coisa muito legal, muito irresistível, como *Impuros*... Novela, que é um ano gravando, fica um pouco mais difícil, mas parece que agora estão fazendo novelas menores, né?! Se pintar um personagem incrível, com um tempo menor... Um ano inteiro acho um pouco difícil para mim, mas alguns meses, sim. Fica aqui a vontade e o coração aberto para alguma possibilidade.

Você está nos EUA desde 2014 e tem filhos pequenos. As condições diferentes de acesso

à educação e à cultura entre os dois países pesa na hora de pensar em voltar ao Brasil? Ou essa é uma ideia que nem passa pela sua cabeça?

Eu voltaria tranquilamente a morar no Brasil se a vida me levar para aí, assim como vim para cá trazida pela vida basicamente. Não foi um plano. Acho que é mais do que a questão da educação e da cultura que tem aqui, porque o Brasil também tem muitas coisas legais, como a cultura, a diversidade, a alegria... E isso seria muito bacana para os meus filhos. Mas o que mais pesa, pensando racionalmente em relação a voltar a morar no Brasil, é a segurança. Eu moro numa cidade pequena na Califórnia (Santa Barbara), onde é muito tranquilo. Então, os meninos vão a parques, fazemos trilha... Tudo sem preocupação, e a gente mora numa casa sem portão, cercada de área verde... Sinceramente, tem muita coisa da cultura do Brasil que quero que meus filhos experimentem em algum momento. Quero que eles morem comigo no Brasil por um tempo. A gente só espera que a segurança melhore, porque é difícil viver com medo, né? Mas a gente nunca sabe... Vim para cá porque a família do meu marido (que é americano) precisava da gente. Se algum dia minha família no Brasil precisar de mim, eu vou também. A vida leva a gente. A gente não decide muito, não.

TV Globo / Renato Rocha Miranda



Fernanda Machado
como Dalila na
novela Alma gêmea

Como é ver a situação atual do Brasil de longe? É uma visão mais amorosa ou mais crítica?

Eu preciso confessar que, durante a pandemia, tive que parar de acompanhar as notícias do mundo, inclusive do Brasil e daqui dos EUA, porque estava me deprimindo muito. Na época, eu estava grávida do meu segundo filho e tive que parar de saber sobre política e saúde porque estava ficando triste... Acompanho o que meus amigos e familiares me contam ou postam em rede social, mas pouco. E com filho pequeno e amamentando a gente precisa cuidar da saúde mental. Mas fica mesmo a saudade de tudo: das pessoas, da comida, do calor humano...

Você atua nos palcos ou telas americanas? Como é a abertura deles para uma atriz brasileira? Tem como fugir do estereótipo da personagem latina?

Antes de o Lucca nascer fiz uma comédia de baixo orçamento aqui. Foi superdivertido. Tenho contato com parte da equipe até hoje. Mas agora, com Leo com 2 anos e morando a duas horas de LA, dificulta. Como sempre quis ser uma mãe presente ao máximo, enquanto eles são pequenos, pelo menos, não dá para ficar indo para Los Angeles tentar carreira do zero. Fiz algumas audições quando me mudei para cá, tinha uma agente em LA, mas as coisas que pintaram eu já estava grávida do Lucca ou ele já tinha nascido... e, depois disso, não tentei nada por aqui. Só fui fazer *Impuros* no Brasil mesmo. Até tenho convite para fazer um novo filme com o mesmo diretor do longa que fiz, num drama. O roteiro me interessou bastante. A gente ia fazer em dezembro, mas, com a ômicron, adiaram tudo. Gosto de trabalhar com gente que conheço. Na hora que o projeto voltar vou estar à disposição.

O mercado tem espaço para uma brasileira?

Acho, sim, que o mercado está muito aberto à diversidade. As pessoas estão interessadas em outras culturas e nos atores latinos (e estrangeiros de forma geral). Acho que nunca teve uma abertura tão grande. É um momento ótimo para quem tem 20 anos e não tem filhos. Tem que se atirar mesmo, o que não é meu caso (risos). E acho impossível tentar fugir do estereótipo da latina porque, na verdade, é isso que eles querem. Eles querem um mercado mais diversificado mesmo com todos os tipos. É o mercado da inclusão. Acho que tem que abraçar a latinidade e ir feliz da vida. Não é para mim fazer uma personagem super americana, porque não é meu biotipo, não é meu sotaque... Temos que assumir quem somos porque hoje tem espaço para todos os tipos de atores e atrizes.